

ANÁLISE DISCURSIVA DA NEGOCIAÇÃO ENTRE BRANQUITUDE E TRABALHO DOMÉSTICO EM "CONFINADA"

DISCURSIVE ANALYSIS OF THE NEGOTIATION BETWEEN WHITENESS AND DOMESTIC WORK IN "CONFINADA"

ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA NEGOCIACIÓN ENTRE BLANQUITUD Y TRABAJO DOMÉSTICO EN "CONFINADA"

Dandara Lima

■ Pesquisadora de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM-UnB), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Marketing Digital pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e jornalista graduada pela Faculdade de Comunicação (FAC/UnB).

■ *Investigadora de maestría en el Programa de Posgrado en Comunicación de la Universidad de Brasilia (PPGCOM-UnB), becada por la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de la Enseñanza Superior (CAPES). Se especializa en Marketing Digital en la Escuela Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) y es periodista graduada por la Facultad de Comunicación (FAC/UnB).*

■ E-mail: dandara.olima@gmail.com

Fabíola Calazans

■ Professora associada e pesquisadora da graduação e da pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Líder do grupo de pesquisa CETAS - Centro de Estudos sobre Tecnologia, Afetos e Subjetividade (CNPq) e membro do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política (CNPq). Membro da Asociación Latino Americana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), da International Association for Media and Communication Research (IAMCR) e Brazilian Studies Association (BRASA).

■ *Profesora asociada e investigadora de los programas de grado y posgrado en Comunicación Social de la Facultad de Comunicación de la Universidad de Brasilia. Líder del grupo de investigación CETAS - Centro de Estudios sobre Tecnología, Afectos y Subjetividad (CNPq) y miembro del grupo de investigación Cultura, Medios y Política (CNPq). Miembro de la Asociación Latino Americana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), de la International Association for Media and Communication Research (IAMCR) y de la Brazilian Studies Association (BRASA).*

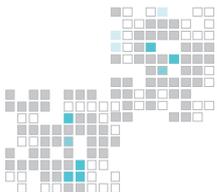
■ E-mail: fabiola.calazans@gmail.com

Júlia Bianco

■ Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É formada em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). Foi bolsista PIBIC da instituição e integrante do GECCOM (Grupo de Estudos em Cibercultura e Comunicação). Atualmente trabalha no Sesc-DF, como estrategista digital.

■ *Estudiante de maestría en el programa de posgrado en Comunicación Social de la Facultad de Comunicación de la Universidad de Brasilia. Es licenciada en Comunicación Social con énfasis en Publicidad por el Centro Universitario Adventista de São Paulo (Unasp-EC). Fue becaria PIBIC en la institución y miembro del GECCOM (Grupo de Estudios sobre Cibercultura y Comunicación). Actualmente trabaja en el Sesc-DF como estratega digital.*

■ E-mail: juliatudellabianco@gmail.com



RESUMO

Buscamos investigar como se dão as relações de poder, resistência e construção de verdade no diálogo das personagens da história em quadrinhos “Confinada”, de Leandro Assis e Triscila Oliveira. Por meio da Análise Discursiva (AD), pela perspectiva foucaultiana, analisamos três tirinhas que abordam, de forma expressiva, questões centrais sobre a relação entre branquitude e trabalho doméstico. Por entendermos o discurso como produto e produtor de sentido e realidade, concluímos que os enunciados denunciam a manutenção de uma realidade social desigual e que ainda bebe à fonte da escravidão para manter privilégios estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE DE DISCURSO, BRANQUITUDE, TRABALHO DOMÉSTICO, HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

ABSTRACT

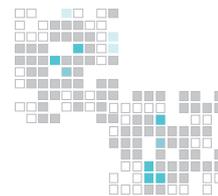
We seek to investigate how the negotiation of power, resistance and construction of truth appears in the dialogue of the main characters of the story “Confinada”, written by Leandro Assis and Triscila Oliveira. Through Discursive Analysis (AD), from the Foucauldian perspective, we analyze three comic strips that expressly address central questions about the relationship between whiteness and domestic work in Brazil. By understanding discourse as a product and producer of meaning and reality, we conclude that the strips denounce the maintenance of an unequal social reality and structural privileges.

KEY WORDS: DISCOURSE ANALYSIS, WHITENESS, HOUSEWORK, COMICS.

RESUMEN

Buscamos investigar cómo la negociación del poder, la resistencia y la construcción de la verdad aparece en el diálogo de los personajes principales de la historia “Confinada”, escrita por Leandro Assis y Triscila Oliveira. A través del Análisis Discursivo (AD), desde la perspectiva foucaultiana, analizamos tres tiras cómicas que abordan expresivamente cuestiones centrales sobre la relación entre la blanquitud y el trabajo doméstico en Brasil. Por entender el discurso como producto y productor de sentido y realidad, concluimos que las tiras denuncian el mantenimiento de una realidad social desigual y de privilegios estructurales.

PALABRAS CLAVE: ANÁLISIS DEL DISCURSO, BLANQUITUD, TRABAJO DOMÉSTICO, HISTORIETAS.



Introdução

A história em quadrinhos "*Confinada*", de Leandro Assis e Triscila Oliveira, escancara uma realidade que encontra ecos em diversas casas brasileiras já que a dupla autoral aborda, de forma contundente, as minúcias na relação de uma patroa branca da Zona Sul do Rio de Janeiro e de sua empregada doméstica, uma mulher negra, jovem, favelada e mãe solo da mesma cidade. A personagem não possui sobrenome, só é conhecida como Ju. A história de "*Confinada*" começa quando a personagem Fran Clemente, influenciadora digital com milhões de seguidores, exige que suas funcionárias passem a quarentena em sua casa - em razão da pandemia de Covid-19 -, mas a única que aceita essa condição é Ju.

Fenômeno de público, "*Confinada*" foi publicada originalmente no perfil do quadrinista Leandro Assis, no Instagram, e logo começou a ser republicada por contas de ainda maior alcance, como é o caso do Mídia Ninja. As histórias em quadrinhos (HQs), desde sua origem, estão vinculadas a questões políticas e ideológicas, como demonstra a pesquisa do filósofo e sociólogo Nildo Viana sobre "Política e Quadrinhos". O autor lista os tipos de abordagem e temáticas e, entre elas, aprofunda-se a descrever os quadrinhos de oposição ou crítica ao Estado e, como é o caso da obra discutida no presente artigo, HQs que tratam da luta de classes¹ (VIANA, 2011).

As HQs conquistaram certa independência dos jornais e ganharam publicações próprias na década de 1920 (SILVA, 2012). Na atualidade, para potencializar o alcance de público, é comum ver tirinhas que convergiram ou foram pensadas especialmente para os meios digitais, a exemplo

da obra "*Confinada*". Em 2018, a Comic Con Experience (CCXP)², um dos maiores eventos de quadrinistas do país, reuniu especificamente ilustradores e roteiristas que publicam nas redes sociais. Essa convergência foi possível, principalmente, por conta da inovação no Instagram com as publicações do tipo carrossel. Como escreveu a jornalista Ana Carolina Avólio, que cobriu a Comic Con de 2018, "a interação com o público aumentou, levando-o a deslizar o dedo na tela, para ver quadro a quadro a história se desenrolar".

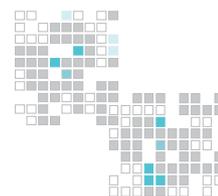
Além das características do meio escolhido pelos autores, vemos como de suma importância apresentar ao leitor informações sobre os autores de "*Confinada*". Afinal, "não há discurso³ sem sujeito e não há sujeito sem ideologia" (CALAZANS, 2013, p. 38-39). Leandro Assis, homem cis, hétero, branco e de classe média, era roteirista de cinema e televisão e migrou para os quadrinhos com a tirinha "Os Santos". Seu objetivo era discutir os privilégios da classe média branca carioca partindo da sua própria experiência e vivência dentro desse grupo.

Meu objetivo era esse, colocar o dedo na cara de branco. É por isso que eu procurava colocar os lugares que o branco frequenta, o clube que o branco do Rio de Janeiro, da Zona Sul, frequenta. Mas é claro que é impossível fazer um quadrinho desse sem também entrar no universo das mulheres pretas que trabalham para essa família branca. Até porque, é nesse contraste que dava para fazer o branco parar e pensar no seu privilégio. (ASSIS, 2021)

1 Aqui citamos "classes" a partir da contribuição de Karl Marx que identifica o antagonismo entre "opressores e oprimidos". (MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, 2007, p. 40)

2 AVÓLIO, Ana Carolina. A história em quadrinhos se reinventa em tempos de Facebook e Instagram. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/quadrinhos-se-reinventam-em-tempos-de-facebook-e-instagram/>> Acesso em 15 de abril de 2022.

3 Concebemos o discurso como o "espaço, o lugar ou a instância da linguagem em que emergem as significações, ou ainda, os efeitos de sentido" (GARCIA, 2003, p.134).



No processo criativo, Leandro sentiu falta de alguém que pudesse dar conta deste “universo das mulheres pretas” e convidou Triscila Oliveira, mulher cis, negra e que define-se como autodidata em história, sociologia e estudos de interseccionalidade. A história é um fruto, portanto, da parceria entre Triscila e Leandro. Depois de publicada no Instagram, ela e ele foram convidados, pela Editora Todavia, para publicar a mesma história em formato de livro. Para isso, foi realizada uma campanha de financiamento coletivo no Catarse para viabilizar a publicação. O resultado disso foi a arrecadação de R\$615.067,00 no período de 31 dias, com 7.859 doações.

Por essas razões, entendemos como relevante a investigação sobre a Análise do Discurso na HQ “*Confinada*”, visto que a história expõe sintomas do mundo contemporâneo como as relações de poder e de resistência que estão em jogo na citada obra. Por meio da Análise Discursiva, pela perspectiva foucaultiana, selecionamos um corpus de três tirinhas do livro “*Confinada*” cujos enunciados são marcados, de forma expressiva, pela distinção entre “nós” e “eles”.

1. Michel Foucault em diálogo com os estudos de branquitude

Para analisar os sentidos negociados nos discursos das personagens de “*Confinada*”, assumimos uma postura teórica interdisciplinar, servindo-nos de reflexões de Michel Foucault (2014, 2005, 2006 e 2007), para quem o discurso produz relações de poder, resistência e regimes de verdade; além das contribuições do pesquisador em comunicação Mauro Porto (2022, no prelo); da psicóloga e diretora do CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades), Cida Bento (2022, 1999); e da socióloga Denise Carvalho (2021), sobre branquitude na sociedade brasileira e sua associação ao trabalho doméstico no Brasil - que

é marcado fortemente por um recorte de raça, classe e gênero, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD, 2020)⁴.

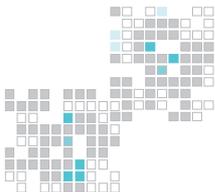
Entendemos o conceito de gênero em uma perspectiva pós-estruturalista, conforme sustenta a historiadora Guacira Lopes Louro (1997):

A nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem (LOURO, 1997, p. 209).

Louro sugere, portanto, a compreensão do gênero atribuindo especial atenção ao discurso, afastando-se das perspectivas essencialistas ou deterministas (Ibid, 1997, p. 209). O gênero é um constructo histórico implicado com o poder e onde o poder se reflete, se reproduz, se exercita, “por onde o poder passa e onde o poder se faz” (Ibid, 1997, p. 211). Analogamente, o filósofo francês Michel Foucault, que contribuiu de forma considerável com os debates sobre Análise de Discurso, sustenta que há um paralelo entre discurso e poder.

O discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso

4 Dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 2020, revelam que no 4º trimestre de 2020, o número de trabalhadores domésticos era de 4,9 milhões. Mulheres representavam, naquele momento, 92% do total e, dessas, mais de 65% eram mulheres negras ou pardas. O PNAD demonstra ainda como são precárias as condições de vida desses profissionais, com o rendimento médio abaixo do valor do salário mínimo, com 75% em condição de trabalho informal e dedicando-se, em média, 52 horas por semana. DIEESE. *Trabalho doméstico no Brasil*. Em Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) Contínua, 2020. Disponível em <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>



não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2014, p. 10).

Inferimos, portanto, que o discurso ou ao menos o controle do discurso é o próprio poder. Porém, esse controle é, como pontuam as pesquisadoras de Análise do Discurso, Liliane Machado e Ângela Moraes (2019),

do tipo disciplinar, que organiza o espaço e controla o tempo. Utiliza-se de técnicas para distribuir indivíduos, é classificatório, hierarquizante, combinatório e vigilante (MACHADO; MORAES, 2019, p. 109).

Tendo isso em mente, esta análise mobiliza também a questão racial, tema central para se discutir a sociedade brasileira e, mais especificamente, as relações de trabalho no Brasil. Segundo Porto (2022), o poder simbólico da branquitude no Brasil é sustentado por uma falsa percepção dos brancos como "sujeitos universais". Na obra ainda inédita "*Mirrors of Whiteness: Media, Middle-Class Resentment and the Rise of the Far Right in Brazil*", Porto afirma que "in Brazil [...] whites do not feel they belong to a group and tend to exercise their privileges while silent about racial matters"⁵ (Ibid, 2022, p. 4, no prelo).

É dessa dificuldade de perceber-se "branco" que essa branquitude não apenas detém privilégios como justifica este acesso privilegiado como uma conquista de mérito (BENTO, 1999 e 2022). Bento (2022, p. 12) nomeia a estrutura que permite essa transmissão do poder entre

peças brancas como um "pacto narcísico da branquitude", um acordo "não verbalizado que visa manter os seus privilégios".

O "mérito" a que a branquitude se refere ao defender sua posição ignora que, na transição do modelo colonial que fazia uso da mão de obra escravizada negra para o modelo capitalista, surgiu

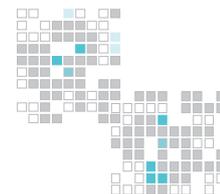
uma superpopulação relativa de seres humanos – especificamente pretos e pardos – caracterizados como desclassificados sociais [...] e que, diante das circunstâncias, estariam fadados ao subemprego e ao quase-assalariamento (CARVALHO, 2021, p. 3).

Condição que, por sua vez, resultou em uma proletarização tardia (GONZALEZ, 2018) da população negra com consequências que podem ser notadas até hoje, como afirma Carvalho:

a questão racial brasileira é demarcada por elementos de estigmatização no imaginário social que associam a representação das pessoas negras a uma herança negativa constituída no período escravocrata e marcada por desigualdades, estigmas e discriminação, ao passo que a população branca é beneficiada por um conjunto de privilégios mantidos sob uma justificativa estrutural (CARVALHO, 2021, p. 7).

Este imaginário social a que Carvalho (2021) se refere é construído e reconstruído através do discurso que estigmatiza, por exemplo, a mulher negra quando a enxerga como mais brava, mais forte ou mais afeita aos cuidados domésticos. Enquanto isso, a branquitude enxerga seu lugar privilegiado como resultado de uma meritocracia, um resultado baseado no mérito individual de cada cidadão branco. Isso não resiste a uma avaliação ética quando levada em conta a história brasileira. Vale destacar que

5 Em tradução livre, "no Brasil [...] os brancos não se sentem como pertencentes a um grupo e tendem a exercer seus privilégios enquanto silenciam sobre questões raciais" (PORTO, 2022, p. 4, no prelo).



"o trabalho da doméstica remonta a um espaço social que atravessa os séculos e bebe à fonte da escravidão", uma vez que revela a permanência das mulheres negras "nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa-grande e muitas vezes recebendo tratamento similar ao que suas ancestrais recebiam" (BENTO, 2022, p. 60).

Os mecanismos de produção, valorização e exclusão do discurso que estão presentes na relação de Fran e Ju - ou na relação entre branquitude que detém e preserva privilégios e trabalhadora doméstica -, são uma construção histórica e cultural, com bases sólidas no discurso cujo objetivo é definir o lugar social autorizado para pessoas negras e brancas na sociedade brasileira.

Por essa razão, entendemos que "por meio do discurso e das práticas significativas" os sentidos "podem ser reconfigurados, compreendidos, aceitos e, não raro, naturalizados em consonância com determinadas formas e forças" (CALAZANS, 2013, p. 37). Nosso objetivo é reconhecer quais as regularidades no discurso e se os sentidos produzidos sobre branquitude e trabalho doméstico na obra reforçam possibilidades de problematização sobre o pacto narcísico da branquitude e as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade brasileira.

Para isso, iniciamos o procedimento metodológico fazendo a leitura detalhada de todas as tiras que compõem a obra "*Confinada*" em busca de "formações discursivas" (FOUCAULT, 2009, p. 43). Formações discursivas (FDs) são as regularidades no discurso, ou seja as "correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas" (Ibid., 2009, p. 42). Para Eni P. Orlandi (2018), a língua é um lugar onde "relações de forças e de sentidos" são reguladas "historicamente entre as muitas formações discursivas que se constituem os diferentes efeitos de sentido" (2018, p. 21).

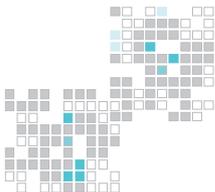
A FD que colocamos ora em análise resume-se em "Nós X Eles" e trata tanto da visão de Ju sobre "eles, os brancos" como de Fran e seus amigos sobre "eles, os trabalhadores domésticos". Reduzimos o *corpus* a três tirinhas em que este jogo é mais explícito. Passaremos a dissertar sobre discurso, poder e resistência no cenário conflituoso da relação entre branquitude e trabalho doméstico apresentada em "*Confinada*".

2. "Essa gente está cada vez mais abusada"

Historicamente, as mulheres negras são mais atingidas pela pobreza, são responsabilizadas pelo cuidado de terceiros e sofrem com a falta de oportunidades de trabalho. Kimberlee Crenshaw (1989), advogada norte-americana e estudiosa da Teoria Crítica da Raça, cunhou o termo "interseccionalidade", que explica como esses flagelos são resultado de uma opressão de gênero e classe que se soma a discriminação racial no mercado de trabalho e na sociedade enfrentada pelos negros em geral. A intersecção de desigualdades faz com que essas mulheres tenham menos condições de contar com o suporte de amigos e familiares quando em situação de maior necessidade.

Segundo a Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad)⁶, as profissionais domésticas formaram "um dos grupos mais vulneráveis no país" e que, durante a pandemia, foram submetidas a um alto índice de demissões. A precariedade das condições de trabalho das domésticas no Brasil também é alarmante já que apenas 28% delas possuem carteira assinada (PNAD, 2020). Foi exatamente por conta dessa condição que muitas trabalhadoras domésticas não tiveram direito

6 TRABALHADORAS domésticas na pandemia. Fenatrad, 2021. Disponível em: <<https://fenatrad.org.br/2021/04/15/confira-a-entrevista-de-luiza-batista-sobre-trabalhadoras-domesticas-na-pandemia-e-a-atuacao-da-fenatrad/>> Acesso em 15 de abril de 2022.



ao afastamento ou suspensão de contrato. Com medo do desemprego, as empregadas domésticas continuaram trabalhando⁷ durante os períodos mais críticos da pandemia, arriscando-se em transporte público ou cedendo a chantagens e morando na casa das famílias para as quais trabalhavam.

Segundo Mário Avelino, presidente da ONG Doméstica Legal, a prática de cárcere privado com as empregadas domésticas é uma questão cultural comum que piorou no momento da pandemia. Muitas das vítimas sabem que essa situação é ilegal, mas não denunciam por medo do desemprego (GUERREIRO, 2021). Nesses

casos, na avaliação da presidenta da Fenatrad, Luiza Batista, os empregadores utilizaram do poder econômico em uma espécie de coerção, para “dizer que ela vai ter que ficar na casa onde trabalha, não poderá voltar para sua própria casa todos os dias por conta do vírus” (FENATRAD, 2021). Isto foi o que aconteceu com a personagem Ju.

Depois de passar algum tempo confinada com a empregada e sob a exigência de que Ju não poderia visitar a família na comunidade onde vivia, a influenciadora digital Fran convida amigos para sua casa sem que isso fosse previamente informado à funcionária, conforme pode ser visto na Imagem 1, a seguir.

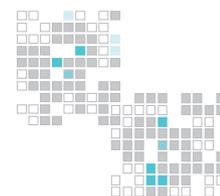
Imagem 1 - Tirinha nº 22 - A Festa Parte 1



Fonte: ASSIS, Leandro e OLIVEIRA, Triscila. Confinada. Rio de Janeiro (RJ): Editora Todavia, 2021. Originalmente publicada em <<https://www.instagram.com/p/CEZH20aJq69/>> Acesso em 15 de abril de 2022.

7 Vale lembrar que o primeiro registro de morte por Covid-19 no Brasil foi de uma empregada doméstica infectada por sua patroa que tinha voltado da Itália. Segundo o irmão da vítima, a funcionária, de 63 anos, não foi informada de que a patroa poderia estar doente. - MELO, Maria Luisa de, *Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon*. UOL, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/>

<primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em 15 de abril de 2022.



O embate se inicia no momento em que Ju afirma que não irá servir ao grupo por serem “*um bando de playboy sem máscara*”. Por sua vez, ao revelar o ocorrido para os convidados, Fran caracteriza o posicionamento de Ju como um “motim”. Em resposta, um dos amigos diz que é “um absurdo”. Valendo-se da primeira pessoa do plural, ele diz que “*a gente* paga o salário e ainda tem que ouvir desaforo”, e complementa “*essa gente* está cada vez mais abusada”.

Os personagens mobilizam um jogo de “nós” contra “eles” diversas vezes. “*A gente*”, os brancos furando a quarentena, é diferente de “*essa gente*”, doméstica e porteiro - referenciado de forma pejorativa como “paraíba” ou “cabeça-chata”. Se bem observadas, as estratégias discursivas miram os trabalhadores domésticos, em razão da cor e da classe social, para delimitar a diferença entre eles e a branquitude.

Para Foucault (2005), práticas discriminatórias podem ser rotuladas como racismo biológico-social que se ancora no sentimento de que determinado grupo de indivíduos, por sua condição biológica, é superior a outro - homem/mulher, branco/negro. Por seus privilégios na sociedade brasileira, a branquitude pode ser entendida como aquela que “detém o poder e é titular da norma” (FOUCAULT, 2005, p. 72-73). O objetivo, portanto, é que o trabalhador, o negro, a mulher, saibam o seu “lugar”.

Como vimos, o “pacto da branquitude” dificulta o acesso de mulheres e pessoas negras ao exercício pleno da cidadania e a melhores oportunidades de trabalho. Por essa razão, os enunciados com efeitos de sentidos racistas são o espelho de uma realidade que, não raro, se percebe uma força de poder para mantê-la.

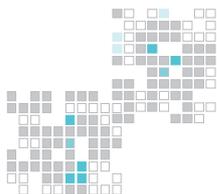
Ju, ao se recusar a servir os brancos, e o porteiro, ao decidir vingar-se riscando o veículo do personagem que o ofendeu, mobilizam a ideia da luta de classes e revelam questões sociais,

históricas e culturais, em uma complexa relação discursiva na qual o poder e a resistência operam mútua e constantemente.

Outra questão que podemos abordar na análise discursiva da Imagem 1 é o flagrante desrespeito aos direitos trabalhistas, na medida em que os personagens dão a entender que o salário é suficiente para impedir que os trabalhadores domésticos façam qualquer tipo de contestação às demandas dos patrões. Para além de “beber à fonte da escravidão” (BENTO, 2022, p. 60), de acordo com as estudiosas da comunicação Maria Luisa Mendonça e Janaína Jordão (2013, p. 6), a desvalorização do trabalho doméstico ocorre em razão de três fatores: a situação econômica menos favorecida em relação aos patrões, o caráter feminino da profissão e a desvalorização da ocupação em relação a outras categorias profissionais.

Vale lembrar que, historicamente, a profissão de doméstica no Brasil é caracterizada pela falta de regulamentação. Foram 127 anos que separaram a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, e a aprovação da PEC das Domésticas⁸. Até 2015, dos 34 direitos listados para trabalhadores urbanos e rurais na Constituição Brasileira, o empregado doméstico tinha direito a apenas nove. A Lei Complementar 150 estabeleceu jornada fixa semanal de 44 horas, contribuição previdenciária, horas extras e adicional noturno, entre outros direitos. Mas, conforme dados do PNAD (2020), quase nenhum desses direitos são garantidos na prática, tendo em vista a quantidade média de horas trabalhadas e a proporção de trabalhadores domésticos informais.

8 A Proposta de Emenda à Constituição nº 66, que ficou popularmente conhecida como “PEC das Domésticas”, refere-se a qualquer trabalhador que “presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana” (LEI COMPLEMENTAR 150, 2015).



4. "O critério de higiene dessa gente é diferente"

infectada naquela noite, como mostrado na Imagem 3, a seguir.

Depois da festa, descobrimos que Fran foi

Imagem 3 - Tirinha nº 28 - Baixe Apes!



ASSIS, Leandro e OLIVEIRA, Triscila. Confinada. Rio de Janeiro (RJ): Editora Todavia, 2021. Originalmente publicada em <<https://www.instagram.com/p/CGH8h27pGCX/>> Acesso 15 de abril de 2022.

190

Fran justifica para os seus seguidores, ocultando a festa que realizou em sua casa e sugerindo que teria se contaminado por conta de uma falha na higienização dos produtos comprados no supermercado. Fran relata que ensinou sua funcionária a higienizar as compras, mas que não a culpava pelo erro porque entende que "o critério de higiene *dessa gente* é diferente". Ela, mais uma vez, utiliza da formação discursiva do "nós" versus "eles" para mobilizar um discurso que constrói sentidos racistas e classistas, na medida que associa a trabalhadora doméstica a algo sujo⁹ e de pouca higiene.

Notamos que Fran utiliza da situação para fazer propaganda para um aplicativo de entregas chamado Apes, em inglês esta palavra significa "macaco". O logo desta empresa é o desenho de um primata com uma caixa de entrega nas costas, semelhante às utilizadas por entregadores do *Ifood*, por exemplo. Uma ironia que não deve passar despercebida.

Durante o isolamento social em face à pandemia de Covid-19, aplicativos de *delivery* faturaram 66% a mais na América Latina, passando de US\$ 43 bilhões em 2019, para US\$ 72 bilhões em

9 Aqui os autores parecem ter se inspirado em um caso real: a acusação que Daniel Cady, marido de Ivete Sangalo, fez em uma transmissão ao vivo dizendo que "o Covid chegou por uma funcionária, a cozinheira, é esse lance da funcionária ficar aqui e

ir para outro lugar, folgar". PRISCO, Luis. *Marido de Ivete diz que empregada contaminou família e é detonado*. Metrôpoles, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/marido-de-ivete-diz-que-empregada-contaminou-familia-e-e-detonado>> Acesso em 15 de abril de 2022.

2020¹⁰. Tais empresas são conhecidas por falsear leis trabalhistas, sem que haja o reconhecimento de vínculo empregatício, garantindo mão de obra barata. Caso o vínculo empregatício fosse reconhecido, os entregadores passariam a ter direito a décimo terceiro salário, férias, horas extras, fundo de garantia, entre outros.

Porém, no mesmo ano em que houve este crescimento estrondoso no lucro destas empresas, 935 ações foram movidas por entregadores brasileiros e em apenas 5 casos a decisão judicial foi favorável a estes trabalhadores¹¹. É possível notar dois paralelos importantes, que tanto entregadores como empregadas domésticas sejam profissões marcadas pela falta de direitos; como Fran e o aplicativo conseguem lucrar com os enunciados cujo efeito de sentido perpetua o racismo estrutural que já debatemos anteriormente.

A tirinha demonstra ainda outra faceta da branquitude brasileira utilizando novamente da estratégica discursiva da ironia. Em sua tentativa de defender suas conquistas como fruto do mérito, Fran promove a invisibilização do trabalho doméstico realizado por Ju. Ocupação que é majoritariamente ocupada por mulheres negras e que permitiu a muitas mulheres brancas a ascensão no mercado de trabalho, uma vez que a terceirização do cuidado com a casa e com os filhos, permitiu que elas trabalhassem em cargos com melhor remuneração. Vemos que, ao contrário do que Fran diz para seus seguidores, ela

não vai ao supermercado e tão pouco higieniza os produtos comprados lá. A responsável por todos esses afazeres é Ju, enquanto Fran pega um sol na piscina e lê o livro "A sutil arte de ligar o foda-se".

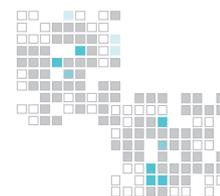
Essas ironias não são desinteressadas. Como lembra o linguista e teórico da AD, de vertente francesa, Dominique Maingueneau, "é conveniente jamais perder de vista que a ironia é um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica" (1997, p. 99). É através da ironia que um discurso atravessa a fronteira entre o que é dito e o que está oculto. Para dirigir-se à branquitude, para "colocar o dedo na cara de branco", segundo as palavras do quadrinista Leandro Assis, a ironia é utilizada para desvelar o cinismo de nossa sociedade racialmente estratificada.

Não é novidade a denúncia que feministas negras fazem quanto a ocultação do trabalho de mulheres negras por mulheres brancas - principalmente aquelas que, hoje, pregam um ideal de meritocracia. A filósofa brasileira Djamila Ribeiro chama atenção para o discurso de Sojourner Truth na Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio (EUA), em 1851, em que a ativista abolicionista questiona se ela não é também uma mulher, uma vez que as reivindicações das mulheres brancas não representavam as reivindicações que ela, uma escrava liberta, gostaria de fazer. Segundo Ribeiro, a ocultação do trabalho de mulheres negras demonstra não só

10 Os dados são de um estudo realizado pelo fundo de investimentos Atlântico. BRAGA, Danúbia e FILARDI, Isabela. *Entregas de comida por delivery aumentaram 66% na América Latina em 2020*. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/entregas-de-comida-por-delivery-aumentaram-66-na-america-latina-em-2020/>> Acesso em 02 de dezembro de 2022.

11 Este levantamento foi tema de reportagem no site Conjur. *ENTREGADORES perdem maioria dos casos sobre vínculo empregatício*. Conjur, 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-jul-24/entregadores-perdem-maioria-casos-vinculo-aplicativos>> Acesso em 02 de dezembro de 2022

uma dissonância em relação à história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas. Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar as verdades (RIBEIRO, 2019, p. 15).



Quando Fran faz referência à Ju como “ *dessa gente*”, existe tanto um ar de diferenciação do “nós” para o “eles”, como também está presente um tom de superioridade. Tal senso está construído dentro de uma subjetividade que permite considerar que alguns humanos são “mais humanos” do que outros, de forma que fica justificado que aos “inferiores” e “incompletos”, é “vedado o gozo pleno dos direitos humanos” (ESMERALDO; XIMENES, 2022, p. 4).

Essa subjetividade no discurso de Fran é base para o preconceito contra Ju e que, como vimos, está associado a processos sociais mais profundos de produção de verdade, preservação e reprodução de desigualdades sociais e raciais. O preconceito pode ser entendido

como um modo arbitrário de agir diante do que é diferente, mas que é marcado pelo valor negativo atribuído a esse outro e que lhe causa prejuízos, ou seja, depende de uma relação de poder. Desse modo, tem-se estabelecida uma forma violenta de relação com a diferença (ESMERALDO; XIMENES, 2022, p. 4).

Ao estigmatizar Ju como parte “ *dessa gente*”, que supostamente teria outro “critério de higiene”, Fran distorce a realidade e inclui toda a classe de trabalhadoras domésticas dentro de uma categoria que confere “identidade social de caráter depreciativo, uma fraqueza ou uma desvantagem” (Ibid., 2022, p. 4), reforçando e produzindo exclusão social, de forma a manter as relações de poder que, ao final, a beneficiam. Cria-se então um contexto no qual as pessoas estigmatizadas como diferentes sofrem uma violência difusa e que visa

a manutenção da ordem social; para tanto, utiliza-se o mecanismo de atribuir características negativas a determinados grupamentos, o que os diminui perante os

demais grupos sociais; assim, discriminação e preconceito operam o processo de dominação-opressão (Ibid, 2022, p. 4).

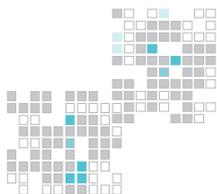
Isso ocorre, principalmente, através e no interior dos discursos socialmente compartilhados. Obras como “*Confinada*” surgem para se opor a estes regimes de verdade que sustentam o processo de dominação-opressão aqui analisado, fruto da relação entre branquitude e trabalho doméstico.

5. Considerações finais

Neste artigo, procuramos investigar como se configuram as relações de poder, resistência e construção de verdade a partir da análise discursiva de três tirinhas com diálogos das personagens da história em quadrinhos “*Confinada*”, de Leandro Assis e Triscila Oliveira. Por meio da AD francesa e pela perspectiva foucaultiana, verificamos que essas três tirinhas apresentam problemáticas centrais acerca da branquitude e do trabalho doméstico, cujos enunciados denunciam, no limite, a engrenagem da manutenção das desigualdades e dos privilégios estruturais.

O sentimento da branquitude brasileira em relação às pessoas negras parece ser de pânico, ansiedade, ressentimento (PORTO, 2022, no prelo), além de amargura (BENTO, 2022). Inclusive isso parece ter sido reforçado no período terrível vivido pelo governo Bolsonaro, coincidente com a pandemia Covid-19. O desrespeito à diversidade de raça, gênero e classe mobilizou nesse período uma série de discursos excludentes, misóginos, racistas e etaristas, para citar alguns, os quais foram legitimados pelo próprio presidente em falas públicas como “os índios estão evoluindo e cada vez mais são um ser humano”.

Não por acaso, ressaltamos a importância da tirinha, pois “*Confinada*” revela os sentimentos da branquitude em relação às pessoas negras



brasileiras. No discurso mobilizado nas tirinhas analisadas neste trabalho, podemos perceber esses sentimentos, por meio da formação discursiva de "Nós X Eles" e dos efeitos racistas e classistas. O objetivo desses enunciados é ocultar as profundas desigualdades raciais da sociedade brasileira (BENTO, 2022).

Porém, assim como a empregada Ju não se calou no jogo de construção de verdades a que foi submetida, acreditamos que o objetivo do discurso - construído na obra de Leandro Assis e Triscila Oliveira - é de "desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina e heteronormativa e debater como as identidades foram construídas" (RIBEIRO, 2019, p.17). Este objetivo pode ser mais facilmente diagnosticado com o recorrente uso da ironia e como quando os autores utilizam situações cotidianas - como o crescimento no consumo de aplicativos de *delivery* - para explicitar a relação de "Nós X Eles". Essas situações remetem o leitor ao seu próprio isolamento social e às mudanças ocasionadas pela pandemia de Covid-19 que intensificou as desigualdades sociais e raciais

que já estavam estruturalmente imbricadas na sociedade brasileira.

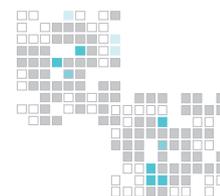
Os achados da nossa pesquisa deixam patente a necessidade de pesquisarmos produtos midiáticos que, não raro, são considerados com menor importância pelo campo acadêmico, como é o caso das histórias em quadrinhos, por exemplo. De fato, a análise das tirinhas de "Confinada" nos convida a problematizar a realidade das lutas de gênero, classe e raça no mundo do trabalho.

Dado o alcance que a obra logrou, concluímos que "Confinada" é um elemento que problematiza o discurso meritocrático da branquitude, na medida que expõe as hipocrisias e preconceitos de raça, classe e gênero no cotidiano de um apartamento de luxo na Zona Sul do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as situações abordadas na história promovem a identificação junto a diferentes públicos, servindo assim de um caráter pedagógico e antirracista. Ousamos pensar que "Confinada" nos leva a pensar na luta urgente rumo a um outro mundo possível apto a abraçar e respeitar, de fato, a diversidade racial, de classe e de gênero.

6. Referências

- CALAZANS, Fabíola; "Seja ótima, seja feliz": Discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT. 2013. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ASSIS, Leandro e OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Todavia, 2022.
- _____. Live de lançamento do livro CONFINADA. Youtube, 21 de janeiro de 2022. Disponível em <https://youtu.be/nR7ZrJne9_o>. Acesso em 10 de abril de 2022.
- AVÓLIO, Ana Carolina. *A história em quadrinhos se reinventa em tempos de Facebook e Instagram*. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/quadrinhos-se-reinventam-em-tempos-de-facebook-e-instagram/>>. Acesso em 15 de abril de 2022.
- BENTO, Cida. *Institucionalização da luta antirracismo e branquitude*.

- Em Rosana Heringer (ed.). *A cor da desigualdade: desigualdades raciais no mercado de trabalho e ação afirmativa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ierê/ IFCS-UFRJ, 1999.
- _____. *O pacto da branquitude*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL, Presidência da República. *LEI COMPLEMENTAR Nº 150, DE 1º DE JUNHO DE 2015* Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº 8.212, de 24 de julho de 1991, nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm>. Acesso em 10 de abril de 2022.



BRAGA, Danúbia e FILARDI, Isabela. *Entregas de comida por delivery aumentaram 66% na América Latina em 2020*. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/entregas-de-comida-por-delivery-aumentaram-66-na-america-latina-em-2020/>>. Acesso em 02 de dezembro de 2022.

CARVALHO, Denise. *O legado do sistema colonial escravagista como base para o sistema capitalista no Brasil: A persistência do racismo no cotidiano da população negra*. Cadernos CEMARX, v. 14, 2021.

CATARSE. *Confinada: o livro*. 2021. Disponível em <<https://www.catarse.me/confinada>>. Acesso em 10 de abril de 2022.

CRENSHAW, Kimberle. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color Author(s)*. Stanford Law Review, Vol. 43, nº 6, 1991.

DEBATE na Câmara dos Deputados conclui que a pandemia torna as trabalhadoras domésticas mais vulneráveis. Fenatrad. Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2021/05/11/12510/>. Acesso em 09 de abril de 2022.

DIEESE. *Trabalho doméstico no Brasil*. Em Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) Contínua, 2020. Disponível em <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>>. Acesso em 10 de abril de 2022.

ENTREGADORES perdem maioria dos casos sobre vínculo empregatício. Conjur, 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-jul-24/entregadores-perdem-maioria-casos-vinculo-aplicativos>>. Acesso em 02 de dezembro de 2022.

ESMERALDO, Andréa Ferreira Lima e XIMENES, Verônica Moraes. *Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos*. Psicologia: Ciência e Profissão, 2022, v. 42, e235503. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003235503>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 24. ed. Edições Loyola, 2014.

_____. *A coragem da verdade*. São Paulo (SP): WMF Martins Santos, 2014.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2006.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2005.

GARCIA, T. M. (2003) *A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica*. In Working Papers em Linguística (p. 121-140), ed. 7, UFSC.

GUERREIRO, Camila. *Cárcere de domésticas: para especialistas, cultura do medo dificulta denúncia e perpetua crime*. Esquinas - Revista Digital Laboratório da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 15 de setembro de 2021. Disponível em <<https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/carcere-de-domesticas-para-especialistas-cultura-do-medo-dificulta-denuncia-e-perpetua-crime/>>. Acesso em 09 de abril de 2022.

JORDÃO, J. V. de P.; MENDONÇA, M. L. M de. *Mídia e Trabalho Doméstico: Quando a Lei expõe desigualdades*. Revista Eptic Online Vol.15 n.3 p. 87-100 set.-dez. 2013

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

MACHADO, Liliâne Maria Macedo; MORAES, Ângela Teixeira. *Comunicação e discursividade: teorias e dispositivos analíticos da AD*. Goiânia: FAC/UnB, Kelps, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas (SP): Editora UNESP, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo (SP): Boitempo, 2007.

MELO, Maria Luisa. *Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon*. UOL, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso 15 de abril de 2022.

MENDONÇA, Maria Luiza M. e JORDÃO, Janaina V. de P. *Mídia e trabalho doméstico: quando a lei expõe desigualdades*. Revista Eptic Vol.15 n.3. (2003).

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018.

PORTO, Mauro (2022, no prelo). *Introspection as Entry Point. In: Mirrors of Whiteness: Media, Middle-Class Resentment, and the Rise of the Far Right in Brazil*. University of Pittsburgh Press.

PRISCO, Luis. *Marido de Ivete diz que empregada contaminou família e é detonado*. Metrôpoles, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/marido-de-ivete-diz-que-empregada-contaminou-familia-e-e-detonado>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de Fala*. São Paulo (SP): Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

SILVA, Vinicius P. B. *As histórias em quadrinhos como gênero jornalístico híbrido: o jornalismo em quadrinhos*. Intercom XXXV - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/r7-1834-1.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

TRABALHADORAS domésticas na pandemia. Fenatrad, 2021. Disponível em: <<https://fenatrad.org.br/2021/04/15/confira-a-entrevista-de-luiza-batista-sobre-trabalhadoras-domesticas-na-pandemia-e-a-atuacao-da-fenatrad/>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

VIANA, Nildo. *Quadrinhos e Política*. 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/viana-nildo-quadrinhos-e-politica.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2022.

Recebido em: 24/12/2022. Aceito em: 16/06/2023

